



OS ROMANCES E A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO FEMININO NAS DÉCADAS DE 1940/60

Maria Teresa Santos Cunha

Doutora em História atua no Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal de Santa Catarina

Os romances de M. Delly, ambientados na França, traduzidos e editados através da Coleção BIBLIOTECA DAS MOÇAS (Companhia Editora Nacional, SP), se constituíram como um tipo de literatura muito popular no Brasil, entre jovens mulheres entre as décadas de 1940 a 1960. Seus enredos seguiam uma estrutura bem definida: o herói (nobre e rico) e a heroína (plebéia e pobre) como núcleo problemático no início mas, ao final, se encontrando no casamento feliz: um eco da moral dos contos de fadas. Em torno desses livros procuro analisar como a tessitura dos seus enredos fornecia alimento para o imaginário da leitora ao mesmo tempo que divulgava normas, condutas, valores que se ligariam a uma certa construção da sensibilidade romântica feminina.

Palavras-chave: mulheres; livros; leitura.

This article's purpose is to investigate the texts of the books which appear in the novels of The young women Library Collection (published from 1940 to 1960). We deal with the reading act as being one of the social processes that provide the acquisition and the representation of habits and values capable of engendering in the readers a proper imaginary.

Keywords: women; books; lecture.

“Romances existem para serem devorados.
Lê-los é uma volúpia de incorporação”

Walter Benjamin

No Brasil, entre as décadas de 1940 e 1960 uma coleção de romances se constitui em um tipo de literatura muito popular que foi consumida, principalmente, por mulheres jovens. Estes romances, em geral ambientados na França, foram traduzidos e editados pela Companhia Editora Nacional (SP) e colocados à venda em todo o país, através de ampla propaganda, sob o título COLEÇÃO BIBLIOTECA DAS MOÇAS, também conhecidos como literatura cor-de-rosa.

Os autores mais conhecidos desta Coleção eram dois irmãos (um casal) franceses que utilizavam o pseudônimo M. DELLY¹ e que detinham o maior número de títulos – cerca de 35 em um total de 175 – e o maior número de edições. Entre os títulos de M. Delly mais vendidos destacam-se *Magali* (10ª edição, 1956); *Freirinha* (6ª ed. 1947), *Mitsi* (8ª ed. 1960); *Meu vestido cor*

¹ Muitas pessoas ainda se referem a M. Delly como “Madame Delly”. Trata-se, no entanto, do pseudônimo de um casal de irmãos franceses: Frédéric Henri Petitjean de la Rosière (Vannes, 1870 - Versailles, 1949) e Jeanne Marie Henriette Petitjean de la Rosière (Avignon, 1875 - Versailles, 1947).

do céu (6ª ed. 1960)². Nessas estórias narrava-se a trajetória de moças exemplares, da meninice ao casamento, em um clima de encantamento e fantasia, típicos dos contos de fadas, nos quais se assegurava à leitora curiosa o benefício de um final feliz. Sua fórmula de sucesso obedece a modelos infalíveis, seja lidando com um sentimento caro às mulheres, o amor, seja mostrando um imaginário romântico através de descrições de paisagens exóticas e luxuriantes, personagens jovens, bonitos e ricos, movendo-se em um cenário atingível apenas pela fantasia, pela imaginação.

Em torno desses livros, extremamente populares e ainda bastante lembrados por suas antigas leitoras, procuro analisar como a tessitura dos seus enredos – urdidos com certas palavras, em certos cenários e com certos personagens – fornecia alimento para o imaginário da leitora e, ao mesmo tempo, divulgava normas, valores e condutas que apropriados, via leitura, se ligariam a uma certa construção da sensibilidade romântica feminina.

Na tentativa de utilizar uma perspectiva teórico-metodológica de base ampla, articulada e flexível recorro a abordagens múltiplas e plurais típicas da História Cultural, cujo objetivo é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17-18), e nas quais as representações são analisadas, colocando-se como método a noção de leitura e interpretação.

Uma leitura dessas representações é, portanto, agora iniciada.

NOBRES, RICAS, FELIZES E LOURAS

O duque de Staldiffe e sua jovem esposa haviam feito no seu iate a sua viagem de núpcias (*Magali*, p. 259).

Um mês depois o Conde de Chanceny casava-se com a ex-freirinha de Valromée (*Freirinha*, p. 184).

Logo que ficamos a sós no carro que nos conduzia para o castelo, o Visconde de Trézennes já era o meu marido (*Meu vestido cor do céu*, p. 162).

Duquesas, condessas, viscondessas, as nobres heroínas dos romances de M. Dely, ricas ou enriquecidas pelo casamento, viviam felizes com seus heróis nobres e garbosos, em seus castelos magníficos. Em estilo romântico e abusando do didatismo, estes romances anunciavam, desde as

² Uma edição comportava, em média, 4.000 exemplares.

primeiras páginas, um certo tom de encantamento, um clima de contos de fadas onde as estórias narradas privilegiavam os valores e comportamentos da aristocracia européia vagamente situada entre os finais do século XIX e inícios do século XX. Poucas estórias, aliás, eram datadas, a grande maioria oferecia à leitora apenas indícios que permitiam situá-las mais precisamente.

Essa imprecisão temporal, segundo Nelly Novaes Coelho, é uma das características das *narrativas maravilhosas*, que alimentam o imaginário de leitores e nas quais “os argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica: reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida” (COELHO, 1987, p. 13).

O encantamento desses livros pode ser igualmente avaliado pelo tom fantasioso de suas narrativas, sempre apresentadas em estilo grandiloqüente. Tudo era excessivo, tudo era extremamente qualificado como para enfatizar a grandeza dos personagens, dos cenários e das situações vivenciadas. A adjetivação abundante parece comprovar:

Coração puro, transparente, límpido como mais puro cristal (*Vencido*, p. 8).

Castelo suntuoso com imponente escadaria de pedra cinzenta guarnecida de espesso tapete persa (*A vingança de Ralph*, p. 102).

Nessas descrições minuciosas, a adjetivação abundante caracterizava qualidades morais, o fausto e a beleza ao mesmo tempo em que referendava o castelo como símbolo da classe dominante, espaço de controle, um mundo domesticamente reconhecível, local em que as jovens castelãs procuravam estar para sonhar e esperar o príncipe encantado que surgiria para levá-las ao altar e, conseqüentemente, à felicidade suprema.

No plano das representações, o casamento era apresentado como a redenção da mulher, já que todos os romances terminavam com o encontro do herói com a mocinha. O estatuto de esposa estava assentado no adjetivo feliz. Os enredos introduziam tons e imagens de um convívio a dois ideal, repletos de relatos adocicados de uma vida conjugal de paz e tranqüilidade:

Mitsi bordava, ao pé do marido, ou se sentava ao piano, feliz, para entretê-lo (*Mitsi*, p. 220).

No terraço, sobre o jardim, ela instalou-se com o seu trabalho e esperou, bordando feliz, pela chegada do marido (*Freirinha*, p. 180).

As mulheres heroínas descritas nos romances de M. Delly eram sempre claras e santas, todas portadoras de pele nacarada, tez aveludada, andar gracioso, cabelos sedosos e macios, além de serem apresentadas como virtuosas, caráter reto, tementes a Deus. Suas características físicas ligavam-se a um padrão de beleza convencionalmente tido como europeu: mulheres louras, alvas, frágeis. As poucas morenas, como Mitsi – do romance do mesmo nome – apareciam suavizadas pela tez aveludada, cabelos sedosos e macios. Havia uma idealização da mulher do tipo louro, identificada com personagens angélicos e divinos, em detrimento da mulher morena, identificada com os anjos maus, as decaídas. Era uma forma de dessexualizar a mulher, porque a cor morena aparece no imaginário ocidental mais associada à sensualidade. Essa associação é citada por Gilberto Freyre, que diz: “o tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos está envolto em misticismo sexual, vestida sempre de encarnado”(FREYRE, 1992, p. 131).

Nas narrativas românticas de M. Delly, o tipo físico parecia condicionar a personalidade. Não havia vilãs claras, louras; eram todas morenas, *trigueiras*. Assim, apresentava-se como constante e verdadeira uma relação irreal ou pouco significativa, minimizando-se e até anulando-se a influência do contexto familiar e social para a formação da jovem: tudo aparecia resumido no aspecto físico.

Não há como negar a ocorrência de mudanças do período estudado até hoje, mas a persistência de estruturas duradouras internalizadas pelas mulheres leitoras ainda é um dado muito importante: tais romances lidos na adolescência alimentaram sonhos e fizeram com que muitas mulheres conservassem aquela imagem de homem absolutamente fantástico: *forte, garboso, romântico, protetor* tal qual os heróis e heroínas de M. Delly, que acenavam para um modelo de homem e de mulher e, de certa forma, ajudavam a construir uma sensibilidade romântica, impossível de ser concretizada na vida cotidiana.

SEIOS ARFANTES, FRÊMITOS INTENSOS, FERVORES RELIGIOSOS

As emoções amorosas das heroínas de M. Delly são sempre descritas entrelaçadas com fervores religiosos. A sexualidade feminina estava representada, nos romances, presa aos estreitos limites sociais e físicos em que se desenrolava a vida da mulher e sempre permeada pelos valores do catolicismo

que, por tradição, diabolizava a sexualidade. Assim, não aparecem entre os casais alusões a contatos físicos. O corpo é muito pouco mencionado. Tudo estava sob controle e as referências amorosas limitam-se a descrever a parte superior do corpo e se restringem a expressões como *grandes olhos aveludados, lábios carnudos, seios arfantes* para elas e *porte soberbo, estatura elegante, olhar penetrante* para eles.

Extremamente disciplinado no sentido apontado por FOUCAULT (1977, p. 77) – *corpos dóceis* –, de inscrever em si mesmo as proibições e prescrições e de fazê-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo, de tornar-se o *princípio de sua sujeição*, o corpo precisava mostrar os sinais dessa ordem interna, verdadeira codificação do modelo feminino predominante nos romances: andar gracioso de passos curtos, nenhum traço de pintura no rosto, decotes e transparências banidos. Assim, procurava-se esconder cuidadosamente o corpo feminino, ter suas formas deliberadamente disfarçadas, a exemplo do corpo da religiosa, reprodução severa da imagem ideal da virgem. Escondia-se o corpo com o propósito, ao que parece, de produzir o pudor feminino. O corpo feminino disciplinado constituía uma barreira à maioria dos vícios. Era preciso, assim, *descorporificar* a mulher, evitando tudo o que representasse sua mínima exposição física. A carne, portanto, continuava defendida e as iniciações cheias de mistério.

As heroínas dos romances de M. Delly eram apontadas às suas tantas leitoras como portadoras de um acentuado pudor natural. Todas, sem exceção, *ruborizavam, coravam* e isso aparecia sempre associado às suas inocências. Cláudia Fonseca, em seu estudo sobre mulheres solteiras francesas, refere-se a esse estado de inocência derivando, em grande medida, da religião católica. Causa permanente de angústia, a sexualidade feminina era controlada pela Igreja. Toda uma sociabilidade católica – o rosário, as Congregações de Filhas de Maria, a Cruzada Eucarística – encerrava as jovens numa rede de práticas e proibições destinadas a proteger-lhes a virgindade e “era principalmente através do pudor que se fazia a distinção entre moças de boa formação e as outras” (FONSECA, 1989, p. 115).

A análise das múltiplas e até obsessivas descrições físicas das heroínas, de acordo com o método católico, pode ser melhor entendida por intermédio dos estudos de Michel Foucault, quando se refere à disciplina imposta aos cor-

pos dos indivíduos. Trata-se de “controlar, formar, valorizar, segundo um determinado sistema, o corpo do indivíduo” (FOUCAULT, 1983, p. 133). No caso dos romances em estudo era um determinado corpo de mulher que se desejava mostrar; um corpo que trouxesse inscrito em si aquelas marcas que, ao mesmo tempo, as aproximasse da Virgem Maria – pura, cândida e santa – e as distanciasse de Eva – leviana, fria, corruptora – extremos entre os quais parece oscilar, há séculos, a imagem da mulher.

Puras, cândidas, recatadas, angélicas, cheias de pudores, de olhos baixos, rigorosamente vestidas, com seus corpos disciplinados, as mulheres não deveriam manifestar seus desejos físicos. Por isso, tudo era descrito a partir de indícios que favorecessem um clima de erotismo na imaginação das leitoras. Um erotismo feito de insinuação, olhares lânguidos, seios arfantes, frêmitos intensos.

Ela desviou os olhos daquele olhar, cuja doçura ardente lhe causara *um frêmito intenso* (*Mitsi*, p. 81).

A jovem, com os seios arfantes, sentiu-se arrebatada, na dança, por uns braços vigorosos (*Meu vestido cor do céu*, p. 90).

Apresentadas como frutos do mais austero catolicismo, não causa espanto a dedicação religiosa das heroínas de M. Delly. Assim, fervores religiosos eram descritos minuciosamente nos romances e ocupavam grande parte do tempo das mulheres.

Alguns pesquisadores como o inglês Lawrence Stone tentaram buscar possíveis interpretações para a atração exercida pela religião sobre as mulheres da aristocracia. Segundo ele, isso aponta para o fato de que, “dado o tipo de vida ociosa e frustrada que essas mulheres levavam no mundo masculino de uma enorme casa de campo, não é de surpreender que elas se voltassem desesperadas para os confortos da religião. [...] presas em seus castelos, inteiramente dedicadas ao mundo íntimo da família e dos filhos, essas mulheres, sem dúvida, encontravam uma espécie de liberação nos movimentos religiosos” (*apud* DAVIS, 1990, p. 64).

Ainda no plano religioso é importante ressaltar como os ritos e as cerimônias da Igreja Católica – batizados, primeira comunhão, casamentos, frequência a missas, culto mariano – eram minuciosamente descritos. São frequentes, nos romances, as situações em que o casal, através dos ritos religiosos católicos, se emociona em conjunto e libera sentimentalismo e enternecimento.

Essas abordagens compunham as narrativas de M. Delly e sugerem uma construção cultural de relações de gênero enquanto as estórias (sempre iguais) da busca do paraíso através do casamento iam se desenvolvendo. Nelas, códigos de moral, valores e condutas iam sendo expressos nos comportamentos dos protagonistas e pareciam ter o claro intuito de envolver a leitora e fazê-la adquirir as maneiras e os discursos que engendrariam o reconhecimento de ser mulher. Uma mulher que reunisse a mãe dedicada, a esposa exemplar e a dona de casa perfeita, vivendo sob um esquema de mundo simplificador e sem quaisquer conflitos, sejam sociais, de classe ou de dinheiro, já que os fatos narrados nunca apareciam como resultado das contradições econômicas ou das diferenças de classe e, sim, como consequência inevitável da luta entre os bons e os maus. Parece inegável, também, que a leitura de romances comove e fascina a leitora porque neles se trabalha a universalidade das emoções. Amor, felicidade, afeição; vergonha e culpa; opressão e liberdade; contentamento e depressão, continuamente exaltados nas estórias românticas, contribuem para a educação dos sentimentos e das sensibilidade das leitoras que buscavam na literatura uma forma de entretenimento.

Levando-se em consideração que essas leituras eram realizadas na adolescência parece correto supor que elas tenham exercido alguma influência na educação dos sentidos das leitoras, moldando/plasmando uma certa visão de si própria e do mundo, Entretanto, isso não é garantia de uma absorção, de uma interiorização total do que foi lido pois, como lembra Roger Chartier: “A leitura é sempre uma prática criadora e capaz de produzir outros sentidos completamente singulares e que não se reduzem às intenções daqueles que escrevem. Por este motivo não devem ser considerados totalmente eficazes e radicalmente aculturantes os textos e as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas” (CHARTIER, 1990, p. 136).

Hoje, apesar de reeditados na década de 80, os romances de M. Delly sequer são lembrados. Mas, ao que tudo indica, deixaram herdeiros. Mais apimentados, mais compatíveis com o nosso tempo, sem nobres e sem tanta pompa, vendidos em bancas de jornais e provavelmente comprados por um outro público consumidor, eles sobrevivem e são representados pelas várias coleções – *Sabrina, Bianca, Júlia* – que reeditam, em versão anos 90, o romance de amor açucarado. Neles se continua a amar romanticamente e a recompensa é

sempre a conquista do paraíso da *felicidade a dois*. Suas altas vendagens me autorizam a inferir que o imaginário ainda continua sendo alimentado.

Mesmo relativizando o poder de sedução que as leitoras podem desencadear parece correto supor que o homem – talvez ainda mais a mulher – tem necessidade de alguma dose de ficção, ou seja, necessita do imaginário, além do acontecido e do real, e atrevo-me a pensar que é precisamente a ficção que nos dá a memória dessa dimensão que, em geral, é deixada de lado na hora de nos relatarmos ou nos explicarmos a nós mesmos e à nossa vida.

Referências Bibliográficas

- CHARTIER, Roger. *História cultural* : entre práticas e representações. Trad. M. Manuela Galhardo. Lisboa : DIFEL, 1990.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo : Ática, 1987.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo* : sociedade e cultura no início da França Moderna. Trad. Mariza Correa. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1990.
- DELLY, M. *Magali*. Trad. Apaminondas de Albuquerque. 10.ed. São Paulo : Ed. Nacional, 1960.
- *Freirinha*. Trad. Ernani R. de Lima. São Paulo : Ed. Nacional, 1946.
- *Meu vestido cor do céu*. Trad. Tito Marcondes. São Paulo : Ed. Nacional, 1955.
- *Vencido*. Trad. Sarah Pinto de Almeida. 10.ed. São Paulo : Ed. Nacional, 1984.
- *A vingança de Ralph*. Trad. Lila Carvalho. São Paulo : Ed. Nacional, 1947.
- *Mitsi*. Trad. Zara Pongetti. São Paulo : Ed. Nacional, 1956.
- FONSECA, Cláudia. Solteiras de fino trato : reflexões em torno do (não) casamento entre pequenas burguesas no início do século. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, ago./set. 1989.
- FOUCAULT, Michel. *La verdad y las formas jurídicas*. México : Gedisa, 1983.
- Michel. *Vigiar e punir* : nascimento da prisão. Trad. Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis : Vozes, 1977.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 23.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1992.